

## A TECNOFOBIA E O USO DAS REDES SOCIAIS NA EDUCAÇÃO: A SUPERAÇÃO DOS MEDOS E DESAFIOS EM SITUAÇÕES EMERGENTES

Amaro Sebastião de Souza Quintino  
José Nogueira Antunes Neto  
Jackeline Barcelos Corrêa  
Shirlena Campos de Souza Amaral

### RESUMO

A sociedade contemporânea se caracteriza pelo uso das mídias digitais num avanço tecnológico rápido e diversificado, fazendo com que ocorram intervenções na vida das pessoas e reflexões sobre a incorporação de novas tecnologias em todos os âmbitos, especialmente no educacional. Este trabalho pretende refletir sobre o sentimento de aversão e desconforto em relação às novas tecnologias (*tecnofobia*), a partir das possíveis origens e relatos de professores e alunos em tempo de pandemia do *COVID-19*. Foi elaborado um questionário por meio do *Google Forms* para os professores e alunos aplicados via *Whatsapp*, contando com 15 professores e 15 alunos da rede municipal do Ensino Fundamental I e II, residentes no município de Miracema/ RJ. Como aporte teórico utilizou-se Silva (2013), Moran (2009), Ramos (2020), entre outros que tratam da temática. Metodologicamente, como fundamento da pesquisa, utilizou-se as teorias de Gil (2010). As mudanças impressas na sociedade tomam conta do desenvolvimento tecnológico, mesmo que involuntariamente; todavia, é possível observar de maneira empírica que professores e alunos não se apropriam da tecnologia da mesma forma, e muitas vezes, tentam se adaptar as mudanças para “sobreviver”. De todo modo, percebe-se que, hoje em especial há uma forte tendência da educação contemporânea firmar a necessidade de que o aluno deve vivenciar a aprendizagem tecnológica. Nessa perspectiva, o professor deve superar seus medos e desafios, para propor aos alunos os benefícios da modernidade tecnológica, e apontar caminhos para uma prática pedagógica significativa com os usos das redes sociais, em prol da educação em situações emergentes.

**Palavras-chave:** Tecnofobia, Redes Sociais, Educação, Medos e Desafios, Situações Emergentes.

### INTRODUÇÃO

Com a expansão do uso das tecnologias de informação, o uso das redes sociais faz-se presente, por meio de propostas, debates e ações dos dirigentes da educação. Essa inovação pedagógica com a utilização da tecnologia nas práticas acadêmicas, passou a ser uma modalidade regular do sistema educacional brasileiro, pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN), Lei nº 9.394/96.

Diante de situações emergenciais, como a da pandemia do *Coronavírus (COVID-19)*, faz-se necessário discutir sobre os benefícios do uso das ferramentas tecnológicas na construção do conhecimento. A educação deve ter como um foco essencial de seu

trabalho a *práxis* educativa e suas vertentes, de forma que as atividades deverão se pautar numa intencionalidade igualitária de humanização, de orientação, de leituras dessa realidade prática, dando condições dos alunos se transformarem, ao mesmo tempo em que tais práticas vão se transformando e adequando-se às novas condições percebidas.

O ensino *on-line* desponta como uma grande modalidade de ensino, pois o uso desta proposta visa obter resultados positivos, mediante as normas de isolamento social, que foi recomendado pela Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura (UNESCO, 2020), para a prevenção do *COVID-19*, diminuindo assim o contágio da doença.

Apesar de tantas dificuldades que o ensino remoto perpassa, é notório que o ensino por meio das tecnologias têm aumentado o números de usuários e ampliado o seu espaço no contexto educacional, na inclusão dos alunos que tenham alguma dificuldade de aprendizado, locomoção e pouca disponibilidade de tempo devido sua flexibilidade, proporcionando a promoção do conhecimento e se tornando importante no processo de formação.

Para subsidiar essa pesquisa partiu-se do seguinte questionamento geral: Como se dá a relação entre o ensino e as novas tecnologias com os usos das mídias digitais na sociedade contemporânea? Para respondê-lo, objetivou-se compreender como os professores e alunos estão se relacionando com o processo evolutivo tecnológico nessa sociedade tão multifacetada.

A tecnologia chegou tão rápido que não deu tempo de todas as pessoas se adaptarem. A pessoa que tem "*tecnofobia*" (medo irracional ou exagerado de tecnologia ou dispositivos complexos, como *tablets*, smartphones e, especialmente, computadores) é chamado de *tecnófobos*. A maioria dos *tecnófobos* até gostariam de ser tecnológicos e desfrutar dos benefícios gerados pela tecnologia, mas simplesmente tem medo de abraçar a novidade, e a pandemia do Coronavírus fez isso acontecer abruptamente.

Por fim, esse estudo evidencia os medos e desafios sofridos pelo professor com os usos da tecnologia, fazendo alusão a necessidade de superação, a considerar o contexto de que a tecnologia tem muito a contribuir com o crescimento educacional, já que as mídias digitais estão por toda parte contribuindo com a expansão e ampliação dos conhecimentos disponíveis e viabilizando o acesso à comunicação de maneira mais efetiva, o que inclui acesso às mais variadas informações e, conseqüentemente, à educação.

## METODOLOGIA

A metodologia utilizada para coleta de dados foi a pesquisa de campo, por meio do uso de aparelho celular, aplicativos de mensagens e redes sociais. Para dar embasamento à pesquisa, inicialmente, foi realizada uma revisão bibliográfica a partir das bases de dados como Google acadêmico, *Scielo*, *Scopus*, embasadas nas teorias de Gil (2010).

A pesquisa foi constituída por 15 professores e 15 alunos da rede municipal do Ensino Fundamental I e II, residentes no município de Miracema/ RJ. A abordagem dos participantes foi por meio do *Whatsapp* e *Instagram*, com a aplicação de um questionário enviado via mídias digitais e da ferramenta *Google Forms*.

E, por fim, ressaltar hipóteses, proposições, formas de superar o conflito geracional causador da *tecnofobia*, sendo longa a discussão dos indivíduos ditos “narrativos digitais” e sua relação com os “migrantes digitais”, momento em que foram questionados sobre a visão da introdução das tecnologias no ensino, o quanto ao uso, seus limites e potencialidades.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

É notório que com a utilização de tecnologias digitais no ensino/aprendizagem surgiram novas possibilidades, democratizando o acesso aos diferentes níveis e modalidades de ensino. Verifica-se que as novas tecnologias, como internet e ambientes virtuais de aprendizagem, ampliaram o diálogo entre os envolvidos no processo, dentro deste novo cenário do *COVID-19* que exacerba ainda mais o uso digital.

Relacionando a presença das tecnologias com a prática pedagógica, Almeida (2010) aponta que:

O importante é que o professor tenha oportunidade de reconhecer as potencialidades pedagógicas das Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC's) e então incorporá-las à sua prática. Nem todas as tecnologias que surgirem terão potencial. Outras inicialmente podem não ter, mas depois o quadro muda. Primeiro, é preciso utilizar para si próprio para depois pensar sobre a prática pedagógica e as contribuições que as TIC's podem trazer aos processos de aprendizagem (ALMEIDA, 2010, p. 8).

Mediante a busca por estratégias que incentivem o ensino/aprendizado, e tendo como grande aliado o avanço tecnológico, o uso das interfaces digitais, tem se destacado como grandes recursos facilitadores do ensino *on-line*, já que facilitam o acesso e dinamizam as práticas virtuais pedagógicas.

Segundo Dionísio (2015), podemos considerar o uso das tecnologias digitais como um fenômeno mundial. Deste modo, estamos todos envolvidos direta ou indiretamente nessa dinâmica que transforma tanto as atividades sociais, econômicas, quanto as escolares. E, ainda, destaca que:

O valor da tecnologia na educação é derivado inteiramente da sua aplicação. Saber direcionar o uso da Internet na sala de aula deve ser uma atividade de responsabilidade, pois exige que o professor preze, dentro da perspectiva progressista, a construção do conhecimento, de modo a contemplar o desenvolvimento de habilidade cognitivas que instigam o aluno a refletir e compreender, conforme acessam, armazenam, manipulam e analisam as informações que sondam na Internet (DIONÍSIO, 2015, p.23-24).

Quando o professor convida o aluno a navegar pelo ambiente virtual de aprendizagem, ele dispõe de novas mídias para potencializar o conhecimento/aprendizado de um conteúdo curricular, e contribui pedagogicamente para a inclusão dos alunos nas plataformas digitais.

Na entrevista com os 15 professores foi perguntado aos mesmos *como está sendo atuar no ensino à remoto por meios das mídias digitais nessa pandemia?* As respostas foram as mais diversas. Ressalta-se aqui as mais relevantes para a pesquisa.

**Professor 1 – M.P.:** “Desafiador”.

**Professor 2 – D.G.S.:** “Horrível! Os professores não têm formação para atuar no ensino remoto. As orientações da secretaria Estadual de educação mudam constantemente, então é muito complicado traçar uma linha de trabalho”.

**Professor 3 – J.L.S.B.:** “Desafiador, mas em meio a pandemia nos faz rever a responsabilidade na formação do educando. Então, tivemos que nos reinventar para levar conhecimento aos mesmos, ainda que existam obstáculos em nosso dia a dia”.

**Professor 4 – M.M.S.:** “Trabalhar a distância não é o mesmo que presencial, além de não estarmos no mesmo espaço físico, o trabalho é mais exaustivo. Entretanto, a rede à qual atuo possui uma plataforma que nos viabiliza uma série de ferramentas possibilitando um ensino remoto de qualidade”.

**Professor 5 – A.V.R.A.:** “Muito cansativo”.

**Professor 6 – V.M.B.R.:** “Se para alguns profissionais está difícil por inúmeros motivos como: dificuldade no uso das Tecnologias, falta de equipamentos, entre outros motivos. Para mim, docente da Educação Infantil ainda é impossível, desde o início da Pandemia nossas crianças estão sem

acesso mesmo que de forma remota à Educação formal. É inacreditável, e ao mesmo tempo inadmissível”.

**Professor 7 – W.B.J.:** “Realmente em tempos de pandemia o processo educacional fica extremamente fragilizado. Visto que atuo atualmente em duas escolas públicas vejo a importância da escola presencial na vida dos alunos. Temos alunos oriundos da zona rural onde o acesso à internet é muito precário e também demanda como a falta da merenda escolar na vida desses atores sociais. Excesso de trabalho e respostas instantâneas. Muitas reuniões para pouco resultado e problemas de evasão e frequência escolar”.

**Professor 8- L.M.M.:** “É atuar com muitas barreiras e dificuldades”.

De acordo com Teixeira e Brandão (2003), temos ainda um grande fator que pesa no ensino aprendizagem que é a alfabetização tecnológica docente, pois esta apresenta-se como ponto primordial na tarefa de decidir quais ferramentas “inserir” aos alunos/usuários e “sofrer” seus impactos, ou possibilitar a “interação” com a tecnologia no ambiente educacional, o que possibilita que ambos possam descobrir, compreender, interagir e contribuir para “modificar” a realidade que os cercam.

Morin (2000) elucida que:

As incertezas decorrentes das tecnologias digitais e das redes eletrônicas representam um dos maiores desafios para os indivíduos na atualidade. Quando assumimos que “o conhecimento é a navegação em um oceano de incertezas, entre arquipélagos de certezas” (MORIN, 2000, p. 86),

As incertezas e os desafios apresentados pelos professores se fundamentam, devido à falta de domínio dos recursos tecnológicos disponíveis, sendo necessário que o docente conheça técnica e pedagogicamente a tecnologia a ser utilizada, porque, além de saber manusear o recurso, é preciso que o professor estabeleça relações com o conteúdo tratado em sala de aula para integrar e explorar as potencialidades das tecnologias aplicadas à educação.

Em suas teorias, Brito (2006) corrobora ao afirmar:

O não uso das tecnologias e mídias digitais pelos professores advém de medos e inseguranças decorrentes da falta de domínio sobre os recursos tecnológicos existentes e a dificuldade de sua inserção em suas práticas pedagógicas. Isso fica evidenciado nos depoimentos supracitados dos professores (BRITO, 2006, p. 22).

Uma definição de *tecnofobia* e sua justificativa podem ser encontradas na filosofia, a partir do trabalho de Lebrun (1996). O autor oferece os conceitos de ética da responsabilidade elaborado pelo filósofo alemão Hans Jonas, que enuncia que a

tecnologia alcançou tamanho poder que gera riscos sem precedentes à sociedade. Ele assinala a questão da tecnologia e poder como (...) “o poder de primeiro, segundo”, ou seja, um poder sobre o poder. E a criação deste último poder deve ser pautada pelo medo do futuro (a demonstração de responsabilidade descrita por Jonas), que instrui e mobiliza para o novo modo de agir. Lebrun (1996) aponta que:

Os males reais com que nossa tecnologia ameaça o futuro da humanidade, ninguém os conhece; devemos portanto imaginá-los, essa é a primeira obrigação da ética da responsabilidade [...] O medo é o verdadeiro sentimento moral [...] mas trata-se de um medo deliberado (LEBRUN, 1996, p. 475).

Esta discussão volta-se para questões da incorporação das tecnologias digitais às ações educativas formais, a importância do papel do professor frente às atuais demandas independentemente da adoção, ou não, e dessa nova linguagem virtual.

Na entrevista com os 15 alunos foi perguntado a eles *de que forma eles avaliam os usos das mídias digitais no aprendizado remoto em meio a pandemia?* As respostas foram as mais diversas.

**Aluno 1 - O.L.L.:** “Enigmático”.

**Aluno 2 - B.C.M.:** “Acho meio complicado sabe, não adianta porque a gente não aprende nada online. Prefiro aula presencial.

**Aluno 3 - W.C.:** “Os professores ajudam bem e isso facilita muito”.

**Aluno 4 - M.C.G.S.:** “Acho até que está sendo bom, imaginei que seria pior.”

**Aluno 5 - L.G.O.:** “Complicado, é bem mais cansativo. Nada modificará presença dos alunos na sala de aula, em contato diretamente com o professor”.

**Aluno 6 - L.A.S.:** “Eu acho o ensino online a distância bom. Porém nem todos têm um dispositivo próprio ou conexão com a internet”.

**Aluno 7 - G.S.P.:** “Complicado”.

**Aluno 8 - G.S.C.:** “Bom”.

**Aluno 9 - K.M.:** “Lógico que não é a mesma coisa que presencial, mas está bom do jeito que está; estamos seguros em casa”.

**Aluno 10 - A.C.V.:** “Só acho que deveriam passar as atividades por formulário ou apostila”.

**Aluno 11 - N.G.M.:** “Bom, porém muito mais difícil do que eu imaginava”.

**Aluno 12 - T.L.P.:** “As aulas à distância não são muito boas pois os alunos e professores não estão tendo aquele clima de aprendizagem... e tem muitos alunos que não podem estar presentes nas aulas por não ter um aparelho disponível ou uma qualidade boa de sinal de *wi-fi*, etc”

**Aluno 13 - O.B.B.J.:** “Regular”.

**Aluno 14 - H.:** “Muita dificuldade, não me adaptei ainda”.

**Aluno 15 - C.M.S.:** “Têm sido aulas massivas e sem criatividade”.

As tecnologias permitem que os indivíduos imperem sobre as informações, já que se comunicar é parte integrante de qualquer atividade humana, seja ela individual ou coletiva. Atualmente, é impossível pensar em desenvolvimento sem tecnologia. A partir deste cenário, cabe refletir sobre a importância das novas tecnologias para a aprendizagem. E vale questionar como professores e alunos estão lidando com as mídias digitais? Será que elas realmente estão contribuindo para esse processo ou isso é algo utópico, ilusório?

Zuin (2010) afirma que:

As respostas para essas questões se referem ao fato de que tais transformações proporcionadas pelo desenvolvimento das forças produtivas, notadamente as de âmbito tecnológico, ocorrem numa tal velocidade que dificultam a composição de reflexões mais elaboradas sobre tal processo. Provavelmente, diante da rapidez do desenvolvimento dessas tecnologias, a expressão, tão comumente usada, de que estamos dentro do “olho do furacão”, não represente apenas uma figura de linguagem (ZUIN, 2010, p.964).

Pode-se observar que nos depoimentos tanto os alunos quanto os professores avaliam o ensino *on-line* como “*cansativo*”, “*desafiador*”, “*enigmático*”, dentre outros. Porém no que tange ao desempenho dos alunos, há uma discordância com as perspectivas dos professores, pois, os alunos acreditam que não estão tendo um bom desempenho enquanto os professores se equalizam quando falam da questão, 40% avaliam positivamente, 40% negativamente e 20% não emitem avaliação.

Os dados coletados apontam que por unanimidade os professores afirmam que precisam trabalhar mais no ensino remoto que no presencial. Num relato mais específico, a *professora X*, expôs ficar tempo integral em alerta para auxiliar os pais e alunos durante o ensino remoto, muitas vezes responde dúvidas depois das 22h, nos feriados e finais de semana, pois ela sabe que estes são os períodos que a maioria dos pais, que trabalham fora, têm para ensinar os filhos.

Foi perguntado aos professores *quais as maiores dificuldades e desafios nesse processo de ensino on-line?*

**Professor 1 – K.B.R.:** “Falta do contato presencial com os alunos e dificuldade de uso da tecnologia por boa parte dos alunos”.

**Professor 2 – M.P.:** “1-Não ter a mesma relação professor-aluno 2-Dificuldade dos alunos entenderem as atividades e fazerem sozinhos”.

**Professor 3 – D.G.S.:** “Boa parte dos alunos não acessam as aulas no horário predefinido e também deixam de realizar as atividades. Se for atividade objetiva tenho uma maior participação deles, mas se for subjetiva a adesão é mínima. Isso é altamente frustrante para mim”.

**Professor 4 – C.S.:** “Falta de interesse dos alunos”.

**Professor 5 – J.L.S.B.:** “Não são todos os alunos que possuem acesso à internet e a computadores disponíveis. E o outro fator, é que alguns apresentam dificuldade em manusear a Plataforma, dificultando o processo ensino/aprendizagem”.

**Professor 6 – M.M.S.:** “Ausência do espaço físico da escola, dos alunos e uso de algumas ferramentas digitais, com as quais não trabalhava”.

**Professor 7 – A.V.R.A.:** “Dificuldades para utilização da tecnologia e conseguir pelo menos de uma grande maioria o aprendizado de excelência”.

**Professor 8 – V.M.B.R.:** “No meu caso específico, é a garantia de um Direito Básico que é a Educação a todos e todas”.

**Professor 9 – W.B.J.:** “Professor sustenta todo sistema como *Notebook's* e também internet”. Ansiedade e adoecimento docente em crescimento. Falta vacina para os professores e pressão para retorno das aulas”.

**Professor 10- L.M.M.:** “A falta de acesso aos meios tecnológicos e a desvalorização profissional”.

Ficou evidente nas respostas dos professores que, tanto os alunos quanto os professores estão passando por um processo complexo, de novos desafios e aprendizagens em todos os âmbitos. Os professores afirmam ter um grande desafio para transmitir conhecimentos com o ensino à distância, frente a muitos obstáculos. Os mais mencionados são o despreparo para manusear as ferramentas digitais de maneira adequada e o remodelamento constante das orientações, além claro, do desgaste físico e mental.

Para professores da Educação Infantil percebe-se grande indignação em relação à falta de acesso para os alunos deste nível de aprendizagem. Excesso de trabalho se elencou fortemente, visto que para aprender a utilizar novas ferramentas demandam tempo e disposição. Assim como os alunos sentem dificuldade de aprender, eles também sentem ao ensinar, sendo que uma pequena parcela consegue aprender de forma autônoma.

Ao perguntar aos alunos *quais as maiores dificuldades e desafios nesse processo de ensino on-line?* As respostas foram as seguintes:

**Aluno 1 - O.L.L.:** “O entendimento e a visualização do conteúdo”.

**Aluno 2 - B.C.M.:** “Nenhuma”.

**Aluno 3 - W.C.:** “Não ter a presença dos professores. A internet cai muito”.

**Aluno 4 - M.C.G.S.:** “Aprender e focar nas aulas”.

**Aluno 5 - L.G.O.:** “O aprendizado por um todo. A falta de uma maior comunicação, em vista de quando não existia todos esses problemas. Cansaço habitual. Desgaste psicológico, mental, entre outros”.

**Aluno 6 - L.A.S.:** “Minha maior dificuldade foi o tempo, porque eu ajudo minha mãe em casa”.

**Aluno 7 - G.S.P.:** “Explicar e entender”.

**Aluno 8 - G.S.C.:** “Concentração”.

**Aluno 9 - K.M.:** “A gente se desconcentra quando estamos em casa, pois tem televisão, tem tudo ali para te desconcentrar. E também o sono porque na presencial a gente está mais ativo, aí não dá sono”.

**Aluno 10 - A.C.V.:** “A quantidade, principalmente quando o aluno está atrasado. O aplicativo, porque dependendo do tempo as atividades não entram mais e tem que convocar a pessoa, pedir para reenviar, e isso é bem chato porque além de atrapalhar o professor também atrapalha o aluno, aí se não puder reenviar fica com a atividade pendente”.

**Aluno 11 - N.G.M.:** “Dificuldade para aprender a matéria e provas em geral”.

**Aluno 12 - T.L.P.:** “Wi-fi e o celular sem memória”.

**Aluno 13 - O.B.B.J.:** “Dúvidas e falta de melhor explicação do professor”.

**Aluno 14 - H. T.:** “Não ter o convívio diário com o professor e o contato com os amigos”.

**Aluno 15 - C.M.S.:** “Desigualdade e falta de investimento pelo governo”.

Muitos dos alunos expressaram ter dificuldade na aprendizagem do ensino e declararam abertamente que preferem a modalidade presencial. Mesmo assim, alguns esbanjaram elogios ao belo trabalho que os professores vêm desempenhando, mesmo não tendo preparo para tal. De modo geral, os alunos não se adaptaram, porém se sentem seguros com a medida, uma vez que há uma ameaça quando falta o contato social, já que está sendo muito difícil ficar sem ele, uma vez que a interação social tem relação diretamente com o emocional e ajuda a reduzir os efeitos danosos do estresse e tem poder de promover uma sensação de propósito de vida.

É importante ressaltar que numa sociedade célere, repleta de informações que nascem e partem de todos os lados, é comum a alienação e nem todos estarem preparados para conviver com esses desafios. Silveira e Bazzo (2009) enfatizam que:

É necessário fazermos uma avaliação crítica sobre a tecnologia, sua constituição histórica e sua função social, no sentido de não só compreender o sentido da tecnologia, mas também de repensar e redimensionar o papel da mesma na sociedade. (...) Muitas das perspectivas pensadas sobre as tecnologias como processo formativo foram cumpridas (SILVEIRA; BAZZO, 2009, p.183).

Para alguns alunos o ensino *on-line* está sendo incompleto por não terem ferramentas necessárias ao acesso, como uma internet de qualidade, por exemplo. Por não terem essa ferramenta com boa qualidade, acabam por acumular atividades a serem entregues, ou prescindem de outros amigos ou parentes para ajudá-los, o que para muitos torna-se frustrante. Relataram, ainda, que sentem equiparadamente uma desigualdade enorme diante daqueles que têm um melhor acesso e apoio até mesmo familiar.

Nesse íterim surge a “*tecnofobia*” que ganha força devido aos diversos parâmetros apontados na pesquisa, criando comportamentos de aversão e o desconforto ao que é novo. Mas é perceptível a necessidade de avaliar que são existentes várias formas de aprender, dinâmica e interativa, e que a tecnologia é fundamental, pois influencia os sujeitos aprendizes, buscando superar a rigidez, transformando e facilitando o ensino aprendido.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

É sabido que este momento vivenciado por todos é atípico para o mundo, essa pandemia do Coronavírus (*COVID-19*) exacerbou diversos sentimentos arraigado na sociedade, despertando medos e angústias, o que reflete diretamente na esfera educacional, uma vez que, abruptamente, o modelo educacional padrão, de aulas presenciais, foi interrompido, cedendo espaço ao ensino remoto ou ensino a distância, mais conhecido como *on-line*.

Com isso, professores e alunos foram provocados a se reinventar. Os professores precisaram se adaptar a novas metodologias, didáticas, tecnologias e ferramentas educacionais digitais mesmo sem terem sido previamente treinados ou capacitados para isso. Os alunos aprenderam a desenvolver uma aprendizagem autorregulada, na qual

exercem plena autonomia e controle sobre os próprios estudos em um processo de autodirecionamento.

De maneira geral, percebeu-se que os professores estão fragilizados com a situação e sentem que precisam lutar a todo momento. O trabalho tem sido desgastante, excessivo, com rápidas e drásticas mudanças, dificuldades técnicas e, ainda, o alto nível de cobranças. Acabam se sentindo culpados por não conseguirem fazer chegar a informação aos menos favorecidos que não têm acesso às ferramentas. Não conseguem ter retornos de alguns alunos, desencadeando a evasão escolar. E a garantia do direito básico à educação para todos acaba por não conseguir atingir o real propósito.

A desvalorização desse profissional aliada à altas demandas, principalmente tendo que dar atenção especial e diferenciada a cada aluno, acaba acarretando nos professores crises de ansiedades, insônia e irritabilidade, além de desmotivação para continuar atuando diante desse cenário.

Para os alunos, a adaptação ocorre todos os dias como desafios, porém se sentem seguros quando os professores passam segurança e convicção, reduzindo o desgaste emocional, devido a uma série de fatores, entre eles a desigualdade enorme diante daqueles que tem um melhor acesso e apoio até mesmo familiar. Fato é que, alunos e professores e alunos nesse contexto de desafios e incertezas, de necessária superação, a tecnologia veio somar e provocar reinvenções, novos aprendizados.

Assim, os defensores da *tecnofobia* possuem realmente uma aversão incontrolável à evolução tecnológica, pensando muitas vezes que o desenvolvimento tecnológico é motivo de diversos problemas sociais na contemporaneidade. Mas os indivíduos que sofrem desta *fobia* devem estar dispostos a compartilhar ideias, informações e conhecimentos e admitir seus medos. Eles devem perceber que sua fobia não é algo de que devem sentir medo ou vergonha, pois não é nem uma doença, nem um reflexo de sua inteligência, mas certifica-se que o conhecimento é a melhor maneira de superar o medo de tecnologia e um dos caminhos para potencializar educação e inclusão.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, M. E. B. A tecnologia precisa estar na sala de aula. **Revista Nova Escola**. São Paulo: Ed. Abril, Jun./Jul. 2010.

BRASIL, Lei 9394/96, de 20 de dezembro de 1996. **Leis de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Diário Oficial da República Federativa do Brasil, Brasília, DF. V.134, nº 248, p.27833-41, 23 dez. 1996. Seção 1.  
[https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/Leis/L9394.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9394.htm) Acesso em: 15 jul. 2021.

BRITO, G. S. Inclusão Digital do profissional professor: entendendo o conceito de tecnologia. In: 30º Encontro Anual ANPOCS, 2006. Anais do Encontro (GT24). Caxambu, MG, 2006. Disponível em: Acesso em 15 jul. 2015.

DIONÍSIO, A. **Gêneros multimodais e multiletramento**. In: KARWOSKI, A. G. Gêneros textuais: reflexões e ensino. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2011.

FRANÇA, G. **Os ambientes de aprendizagem na época da hipermídia e da educação a distância. Perspectivas em ciência da informação**, v. 14, n. 1, p. 55-65, jan. – abr. 2009.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2010/2017.

LEBRUN, Gérard. Sobre a tecnofobia. In: NOVAES, A. (org.). A crise da razão. Brasília: MINC, FUNARTE; São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

MORAN, J. M.; MASETTO, M.; BEHRENS, M. **Novas Tecnologias e Mediação Pedagógica**. 16. ed. Campinas: Papirus, 2009, p.12-17

MORIN, E. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. São Paulo: UNESCO/Cortez Editora, 2000.

RAMOS, C. V.; CAMELO, C. R.; FERREIRA, E. S.; PEREIRA, F. A.; ALMEIDA, J. M.; SILVA, L. P.; MATOS, M. L. S.; CÂNCIO, S. M. S.; CORDEIRO, T. N. **Tecnologia em tempo de educação remota**. 2020. Unifc: Vitória da Conquista, BA. 32p.

SILVA, L. A. O uso pedagógico de mídias na escola: práticas inovadoras. In: **Revista eletrônica de educação de Alagoas**, v. 1, n. 1, p. 119-128, 2013.

TEIXEIRA, A. C.; BRANDÃO, E. J. R. Internet e Democratização do conhecimento: repensando o processo de exclusão social. **Revista Novas Tecnologias na Educação**. CINTED-UFRGS, V. 1, nº 1, Fevereiro, 2003.

UNESCO – Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura. **Suspensão das aulas e resposta à COVID-19**. Disponível em:  
<https://pt.unesco.org/news/educacao-escolar-em-tempos-pandemia-na-visao-professoras-da-educacao-basica-uma-pesquisa>. Acesso em: 18 jul. 2021.

ZENORINIE *et al.* **Motivação para aprender: relação com o desempenho dos estudantes**. Paidéia, v. 21, n. 49, p. 157-164, maio – ago. 2011.

ZUIN, A. A. S. O plano nacional de educação e as tecnologias da informação e comunicação. **Educ. Soc.**, Campinas, v. 31, n. 112, p. 961-980, jul. – set. 2010.